

ARTE

ATELIÊ VIVO

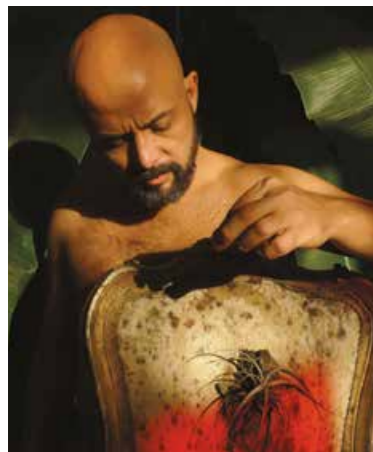
Elementos da natureza inspiram as obras do artista Rodrigo Bueno e também decoram seu idílico espaço em São Paulo por Julia Flemingo

ENTRE AS INÚMERAS oficinas mecânicas no bairro da Lapa, em São Paulo, uma porta fechada com galho de madeira em vez de maçaneta indica que ali é o Ateliê Mata Adentro. O barulho de conserto dos automóveis logo fica para trás quando a porta se abre e revela um inusitado galpão de 300 metros quadrados, repleto de árvores e raízes que brotam do chão, com clareiras por toda a parte, que fazem a cenografia do estúdio e morada de Rodrigo Bueno.

Totalmente reformado por ele oito anos atrás, o espaço — que já abrigou uma siderúrgica e uma oficina mecânica — ganhou mezaninos, cômodos, piso e móveis feitos apenas com material de refugo. Para onde se olha, pinturas, colagens, instalações e objetos criados pelo artista, feitos também com achados do lixo, doações ou aquisições de segunda mão, contribuem para uma atmosfera selvagem e, ao mesmo tempo, reconfortante.

“Durante a mudança para cá, deixei meus livros num canto. Quando abri as caixas, vi que a umidade desse lugar era tão grande, às vezes até chove aqui dentro, que minha biblioteca inteira tinha sido tomada por cupins. Antes de jogar tudo no lixo, percebi que aquele era um trabalho lindo da natureza”, diz Bueno à **Bazaar**. O que seria um contratempo serviu de referência para a série Ebós, em que peças e imagens de pinturas célebres da história da arte foram corroídas. Ele as fotografou e ampliou para

criar composições cheia de gravetos, sementes, asas de borboletas e colmeias secas. Também não passam despercebidas suas obras *Móveis Tomadas*, que decoram o ambiente. São instalações com estofados de cadeiras e sofás preenchidos por galhos e árvores indisciplinadas e formam o que o artista apelida de Living Room: uma sala que ganha vida pelas suas pró-



Acima, pintura *Cacau* (2014). Na pág. ao lado, Rodrigo Bueno

Abaixo, *Timbó de Oxalá* (2005). Na pág. ao lado, em sentido horário, *Bastilha* (2015), *Caboclo de Jorge* (2016), da série *Adorei as Almas* e ateliê Mata Adentro



“Quero prestar atenção na história de cada lugar, e de quem viveu ali, enaltecer grupos esquecidos e trazer à tona conhecimentos tão importantes, como a natureza, a espiritualidade e a alquimia”



FOTOS: JERÔNIMO DORÉ (RETRATO); DOUGLAS GARCIA (BASTILHA); TIAGO SANTANA (ATELIÊ); E DIVULGAÇÃO

prias mãos. Esses móveis já fizeram parte da exposição *São Paulo Não É uma Cidade*, que inaugurou no ano passado o Sesc 24 de Maio, além de mostras nas galerias paulistanas Emma Thomas, Carbono e Marília Razuk.

O campinense de 50 anos teve o avô como grande inspiração em suas primeiras descobertas como artista. “Ele era negro, de origem pobre, aprendeu a ler e escrever sozinho nos bordéis onde morou quando criança. Depois, integrou a maçonaria, o que fazia dele um ser enigmático. Eu precisava descobrir quem ele era.” A vocação o levou a estudar diferentes credos religiosos, investigar questões de raça, de identidade e conhecimentos sobre a natureza. Aos 18 anos, por exemplo, comprou uma passagem para Israel, onde morou num *kibutz* durante alguns meses para conhecer a religião judaica e realizar trabalhos agrícolas. Dois anos depois, de volta ao Brasil, ajudou a família a abrir o antiquário *Passado Composto*, que existe até hoje na Rua da Consolação, em São Paulo, e, mais tarde, a filial *Passado Composto do Século XX*, no bairro dos Jardins.

Rodrigo fez dinheiro pintando murais em casas particulares — eram gigantescas e detalhadas reproduções de quadros de Botticelli, Michelangelo e Debret — e, em 1995, aos 27 anos, mudou-se para San Francisco, onde cursou pós-graduação em estudos holís-



ticos e começou a produzir um trabalho autoral. Da fase zen na Califórnia, rumou para Paris. Na capital francesa, idealizou e foi cenógrafo do badalado Favela Chic: assinou desde o nome do bar até a receita do pão de queijo, passando pelo cenário de madeira e os varais que dão charme ao lugar. Aliás, ele continua festeiro. Até hoje é conhecido pelos encontros que organiza no ateliê, embalados pela cantora Liniker, DJs e até atabaques e rituais de umbanda.

Em dezembro passado, na Miami Art Basel, Rodrigo teve suas obras expostas no estande da Galeria Marília Razuk, que hoje o representa, e também esteve entre os 14 nomes escolhidos para apresentar projetos solos no setor Positions. “Produzo meu trabalho a partir da identidade de cada lugar onde exponho, de sua história e grupos nativos. Por isso, fiquei em Miami para investigar a especulação imobiliária que está acabando com a identidade local. Também descobri que lá o *apartheid* era muito forte, e quis pesquisar como viviam aqueles negros.” Intitulada *The Revenant Room*, a mostra foi montada num ambiente repleto de objetos comprados em mercados de pulgas e antiquários de Miami, além de fotos antigas de negros, que ganharam pinturas e adornos: no trabalho de Rodrigo, as minorias do passado voltam à vida.

Além das instalações permanentes que montou na Sé Galeria e no Sesc Interlagos, o artista inaugura, em março, a exposição *Sai da Moita*, no Sesc Presidente Prudente. Curada por Fábio Delduque, a individual conta com a ocupação no jardim por tramas de algodão nos eucaliptos, pinturas nas árvores, portal de flechas e obra sonora no plantio de jequitibá. “Estamos tão acostumados a viver num mundo globalizado, da tecnologia e sem diálogo, que esquecemos de onde viemos. E aí enfrentamos cada vez mais crises, como cidades congestionadas, falta de água e desastres ambientais”, diz. “Quero prestar atenção na história de cada lugar, e de quem viveu ali, enaltecer esses grupos esquecidos e trazer à tona conhecimentos tão importantes, como a natureza, a espiritualidade e a alquimia”, completa ele, que pretende reunir pessoas com os mesmos interesses em seu pedacinho de paraíso na Lapa. Ele está convocando artistas para ocuparem seu estúdio ao longo do ano. ■

